

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luanna Barros

**CONVERGÊNCIAS ENTRE NELSON WERNECK SODRÉ E GUY DEBORD:
Imprensa, Capitalismo e a Sociedade do Espetáculo**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora
2025

1. DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
2. AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Luanna Barros, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272040A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CONVERGÊNCIAS ENTRE NELSON WERNECK SODRÉ E GUY DEBORD: Imprensa, Capitalismo e a Sociedade do Espetáculo** desenvolvido durante o período de 18/12/2024 a 11/03/2025 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de março de 2025

Luanna Barros

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (X) 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CONVERGÊNCIAS ENTRE NELSON WERNECK SODRÉ E GUY DEBORD: Imprensa, Capitalismo e a Sociedade do Espetáculo

Luanna Barros

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as convergências entre os pensamentos do conhecido historiador marxista Nelson Werneck Sodré, principalmente sua obra *História da Imprensa no Brasil* (1966) e Guy Debord, um escritor e cineasta francês marxista e teórico libertário, notório por sua obra seminal *A Sociedade do Espetáculo* (ano) e por sua contribuição como cofundador da Internacional Situacionista, um movimento filosófico e político de vanguarda. Este estudo visa analisar o impacto da consolidação da imprensa industrial e a subsequente espetacularização da política brasileira. A pesquisa abordará como a mídia de massa molda a percepção pública e influencia o comportamento eleitoral. Além disso, serão discutidas as implicações sociais e culturais dessa transformação no cenário político nacional. E assim, pretende-se contribuir para a compreensão dos mecanismos de poder e controle exercidos pela mídia sobre a sociedade. Ao explorar as interseções entre o pensamento de Sodré e Debord, espera-se iluminar as dinâmicas que perpetuam a hegemonia cultural e a dominação ideológica no Brasil. Assim, este estudo visa não apenas enriquecer o campo da comunicação e da política, mas também oferecer subsídios para a reflexão crítica e a ação transformadora na esfera pública. Contudo, é necessário compreender que a questão central da pesquisa que ora se apresenta é: de que maneira a transformação do jornalismo em produto comercial molda a percepção da realidade por meio de narrativas mediadas por imagens e representações, e claro, o quanto isso acaba reforçando interesses das elites econômicas?

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Industrial, Sociedade do Espetáculo, marxismo brasileiro

1. INTRODUÇÃO

Em *A Ideologia Alemã*, temos evidente a relevância dos meios de comunicação, desde, pelo menos, os primórdios da classe burguesa, Marx e Engels postulam:

Nas cidades, a divisão do trabalho se fazia ainda de maneira perfeitamente espontânea entre as diferentes corporações, mas não se estabelecia de maneira alguma que já era um fato nas cidades antigas (com os judeus entre outros) e que logo surgiu nas cidades de formação recente. Isso implicava a possibilidade de uma ligação comercial que ultrapassava os arredores imediatos e a realização dessa possibilidade dependia dos meios de comunicação existentes [...] (Marx e Engels, 1998, p. 59-60).

Deste, Marx e Engels sublinham a relevância dos meios de comunicação para a consolidação do poder burguês. Inicialmente, a divisão do trabalho nas cidades era espontânea, restrita às corporações locais. No entanto, com a evolução dos meios de comunicação, a burguesia conseguiu expandir suas atividades comerciais para além dos arredores imediatos, criando verdadeiras redes de troca que conectavam regiões distantes. Esse progresso foi crucial para a formação de mercados mais amplos, fundamentais para o acúmulo de capital e a consolidação do sistema capitalista. Desta forma, os meios de comunicação tornaram-se instrumentos vitais para a burguesia, que passou a controlar não apenas a produção material, mas também a circulação de mercadorias e ideias.

Os meios de comunicação não só facilitaram o comércio, mas também desempenharam um papel decisivo na difusão da ideologia burguesa. Controlando os meios de produção intelectual, como a imprensa e as instituições educacionais, a burguesia propagou valores e normas que legitimavam sua dominação econômica e política. Esta hegemonia cultural garantiu a perpetuação da ordem capitalista ao naturalizar as relações de exploração e desigualdade. Portanto, os meios de comunicação não apenas ampliaram o alcance do capital, mas também consolidaram a influência ideológica da burguesia, fortalecendo seu poder sobre outras classes sociais.

A análise de Marx e Engels sobre o controle burguês dos meios de comunicação permanece atual. No capitalismo contemporâneo, este domínio expandiu-se para incluir a internet e as redes sociais, que são amplamente utilizadas por grandes corporações para moldar a opinião pública e perpetuar estruturas de dominação. Portanto, a compreensão desse processo histórico é essencial para apreender como a burguesia, ao controlar os meios de comunicação, transformou a economia e moldou a cultura e a política, mantendo-se como a classe dominante ao longo dos séculos e sobre toda a terra.

O historiador marxista Nelson Werneck Sodré, em sua obra *História da Imprensa no Brasil* (1999), aborda de maneira crítica a relação entre a imprensa brasileira e a estrutura capitalista, demonstrando como essa conexão se fortaleceu ao longo do século XX. Para Sodré, a imprensa não pode ser vista como uma entidade independente ou neutra, mas sim como um mecanismo profundamente ligado aos interesses das elites econômicas e ao desenvolvimento do capitalismo no país. Esse vínculo, segundo ele, tornou-se ainda mais evidente com a expansão industrial e a diversificação da economia, que substituíram o antigo modelo agroexportador, predominante até então, por uma estrutura econômica mais complexa e integrada ao sistema capitalista global.

Sodré destaca que, com o avanço da industrialização e a consolidação de uma economia mais dinâmica, a imprensa passou a ser cada vez mais dominada por grandes corporações. Essas empresas, detentoras de poder econômico e político, utilizaram os meios de comunicação não apenas para obter lucro, mas também para influenciar a opinião pública e reforçar a hegemonia do capitalismo. Dessa forma, o jornalismo, que em tese deveria ser um espaço de debate e pluralidade, transformou-se em um instrumento de reprodução ideológica, alinhado aos valores e aos interesses das classes dominantes. Um dos aspectos centrais da análise de Sodré é a concentração de poder midiático nas mãos de poucos grupos empresariais.

Essa concentração, segundo o autor, teve impactos significativos para a democracia e para a formação da opinião pública no Brasil. Ao controlar a maior parte dos meios de comunicação, essas corporações limitaram a diversidade de vozes e perspectivas no espaço público, privilegiando narrativas que legitimavam a ordem estabelecida e marginalizando discursos críticos ou alternativos. Assim, a imprensa passou a atuar como um agente de manutenção do status quo, reforçando as estruturas de poder e contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais. Sodré também chama atenção para o papel ideológico da imprensa, que, ao longo do século XX, atuou como um dos pilares de sustentação do capitalismo no Brasil. Ao disseminar valores e ideias alinhados aos interesses das elites, os meios de comunicação ajudaram a naturalizar as relações de dominação e exploração, dificultando a emergência de projetos políticos transformadores. Nesse sentido, a imprensa não apenas refletia as contradições da sociedade brasileira, mas também desempenhava um papel ativo na sua reprodução.

Em síntese, a obra de Nelson Werneck Sodré oferece uma análise profunda e crítica das relações entre imprensa, economia e poder no Brasil. Ao destacar o papel das grandes corporações e a concentração de poder midiático, o autor revela os mecanismos pelos quais a imprensa se tornou um instrumento de reprodução do capitalismo e de manutenção da hegemonia das classes dominantes. Sua análise permanece relevante para compreender os desafios enfrentados por uma imprensa democrática e plural, especialmente em um contexto marcado pela concentração de poder e pela desigualdade social. A obra de Sodré, portanto, continua sendo uma referência fundamental para os estudos sobre a história da imprensa e sua relação com as estruturas de poder no Brasil.

De forma semelhante, mas em um contexto global e com um enfoque mais amplo, Guy Debord, em sua obra *A Sociedade do Espetáculo* tece críticas contundentes ao capitalismo avançado, destacando como as relações sociais são mediadas por imagens. O autor francês propõe uma análise radical da sociedade contemporânea e argumenta que o espetáculo é a forma mais avançada de alienação, na qual a realidade é substituída por representações que dominam a vida social e obscurecem as relações de poder.

A Sociedade do Espetáculo é uma obra densa e multifacetada, composta por 221 aforismas que exploram temas como a alienação, a mercantilização da vida, a cultura de massa e a dominação ideológica. Debord define o espetáculo como "a relação social entre pessoas mediada por imagens", uma forma de dominação que se estende a todas as esferas da vida, desde o trabalho até o lazer, a cultura e a política. Nesse contexto, os indivíduos são reduzidos a meros consumidores passivos de imagens e símbolos, alienados de suas próprias vidas e desejos. A obra é profundamente influenciada pelo marxismo, mas expande a crítica de Marx ao capitalismo para além da esfera do trabalho, incorporando elementos da cultura, da comunicação e da vida cotidiana. O espetáculo é a forma suprema de alienação, na qual a realidade é substituída por representações que justificam e naturalizam as relações de poder. Ele não se

limita, no entanto, à radiodifusão, ainda que a mercadoria faça a produção da imagem. Embora a mercadoria seja responsável pela produção da imagem, o espetáculo representa um sistema complexo onde mercadoria e classe funcionam como componentes fundamentais do capitalismo imagético.

Quando analisamos a realidade brasileira através dessa perspectiva, percebemos que a incorporação do Brasil à lógica espetacular apresenta particularidades que devem ser consideradas, sobretudo em função de suas especificidades históricas, sociais e econômicas. Conforme analisado por Nelson Werneck Sodré, a solidificação da imprensa industrial no país foi incorporada rapidamente à lógica espetacular, ainda que não de maneira uniforme, tendo em vista as profundas desigualdades regionais.

Este artigo, de caráter investigativo e fundamentado em uma revisão de literatura, tem como objetivo principal analisar as convergências entre as ideias de Nelson Werneck Sodré e Guy Debord, com foco no período de consolidação da imprensa industrial no Brasil. Busca-se compreender como as análises de ambos os autores dialogam ao abordar a transformação do jornalismo em um instrumento de poder e manipulação, inserido na lógica espetacular descrita por Debord. A justificativa para este estudo reside na necessidade de aprofundar o entendimento sobre os mecanismos de controle e influência exercidos pela mídia, especialmente em contextos de concentração econômica e tecnológica. A metodologia empregada inclui uma revisão bibliográfica das obras de Sodré e Debord, complementada por análises de estudos contemporâneos que abordam a relação entre mídia, capitalismo e sociedade do espetáculo. O artigo está estruturado em três partes principais: as duas primeiras apresentam alguns conceitos teóricos fundamentais dos autores e a última explora o diálogo entre as ideias de ambos no contexto brasileiro.

2. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Inspirado por Marx, Debord redefine a alienação como um processo no qual a experiência vivida é progressivamente substituída por representações visuais. Na sociedade do espetáculo, as relações sociais são distorcidas pela lógica capitalista, que transforma todas as interações humanas em mercadorias consumíveis. A alienação, nesse sentido, não se limita às esferas produtivas, como no marxismo clássico, mas permeia também a esfera cultural e simbólica. O indivíduo, isolado e passivo, consome espetáculos que reforçam sua desconexão com a realidade autêntica, vivendo em um universo de aparências cuidadosamente construídas para perpetuar o sistema dominante. Além disso, Debord argumenta que o espetáculo não apenas legitima a dominação do capital sobre as relações humanas, mas também neutraliza tanto a conformidade quanto a resistência. Mesmo as iniciativas que parecem desafiar o sistema tornam-se facilmente absorvidas e transformadas em novos produtos consumíveis que alimentam o próprio sistema capitalista. Dessa forma, a crítica e a rebelião se tornam espetáculos, incapazes de romper com as estruturas dominantes.

Dentro do conceito de sociedade do espetáculo, Debord apresenta a distinção entre poder concentrado e poder difuso, que ajudam a explicar como as estruturas de controle e dominação operam nas diferentes configurações do sistema capitalista. Esses dois modelos de poder estão intrinsecamente ligados à maneira como o espetáculo se manifesta e se adapta às condições econômicas e políticas de uma sociedade. O poder concentrado é característico de sistemas autoritários ou de regimes centralizados. Ele se baseia no controle direto e explícito por parte de uma elite ou de uma figura central, que exerce poder absoluto sobre as representações e narrativas disseminadas pelo espetáculo. Esse tipo de poder é frequentemente associado ao capitalismo burocrático ou ao totalitarismo, onde o espetáculo opera de forma ostensiva, promovendo e consolidando um culto à liderança ou a um conjunto limitado de símbolos de poder. Um exemplo claro desse modelo seria o controle da mídia estatal em regimes autoritários, onde as mensagens transmitidas são homogêneas e subordinadas à agenda política dominante. Por outro lado, o poder difuso caracteriza-se por sua disseminação em contextos democráticos ou em sociedades capitalistas mais avançadas, onde o controle é descentralizado e exercido de forma fragmentada. Aqui, a lógica do espetáculo é mais complexa e menos perceptível, pois o poder está distribuído entre diversas instituições, corporações e atores sociais. No entanto, essa fragmentação não implica a ausência de controle; pelo contrário, ela opera através de uma multiplicidade de representações e narrativas que direcionam as massas ao consumo e à passividade. O espetáculo difuso é sustentado pela publicidade, pela cultura de massa e pelos meios de comunicação privados, que promovem uma infinidade de imagens e mensagens aparentemente plurais, mas que, em última instância, reforçam os mesmos valores e interesses capitalistas.

3. DA IMPRENSA ARTESANAL À INDUSTRIAL

Como muito bem expõe o historiador marxista, “A questão da periodicidade apresenta-se sempre como preliminar nas exposições históricas.” (SODRÉ, 1966, p.7). Assim, cabe o empenho sobre a periodicidade acerca da imprensa artesanal e da imprensa industrial. E no que tange a imprensa brasileira, Sodré continua:

No caso da história da imprensa brasileira, verifica-se pela visão de conjunto, que a única repartição acorde com a realidade seria em imprensa artesanal e imprensa industrial (SODRÉ, 1966, p.7)

Urge, em primeira instância definir o que é a imprensa industrial e como esta advém de um jornalismo politicamente independente e (em tese) apartidário. Imprensa, para Nelson Werneck Sodré, em seu sentido mais basilar, se trata do meios de difusão de ideias e informações. Suas características suplementares variam de acordo com o contexto socioeconômico, uma vez que são reflexos do desenvolvimento capitalista em que a imprensa se insere.

Predominante no século XIX até aproximadamente o fim do império, há a primeira fase do jornalismo Brasileiro. A imprensa artesanal deste período era marcada por uma produção em pequena escala, circulação restrita e era frequentemente mantida por um pequeno grupo de intelectuais, políticos ou escritores que apresentavam mais objetivos políticos do que comerciais. Buscava-se a defesa de ideias e promoção e participação de debates públicos, como aconteceu nas campanhas abolicionistas e republicanas. Sodré destaca que essa imprensa, embora limitada em alcance e recursos técnicos, teve papel fundamental na formação da consciência política nacional, representando um momento em que o jornal era mais um instrumento de luta política e menos uma empresa comercial.

Com a ascensão da burguesia comercial e mercantil, ganham-se as primeiras manifestações de uma imprensa definida como industrial de massa na ainda implume república brasileira. Essa transição está intrinsecamente ligada às transformações econômicas que o país vivenciava com o início da industrialização, a urbanização crescente e a diversificação econômica que começava a superar o modelo exclusivamente agroexportador. Enquanto a imprensa artesanal operava em pequenas oficinas, com equipamentos rudimentares, baixo capital investido e distribuição limitada, refletindo uma economia pré-capitalista, a imprensa industrial emergia como empresa capitalista organizada, incorporando maquinário moderno, demandando grandes investimentos, empregando trabalho assalariado especializado e buscando ampliar seu público leitor. Todavia, ainda não dá pra se falar em ideologia espetacular numa sociedade de formação colonial.

3.1. A CONSOLIDAÇÃO DA IMPRENSA INDUSTRIAL NO BRASIL

“A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. Assim, Nelson Werneck Sodré inicia seu clássico *A História da Imprensa no Brasil*. Publicado originalmente no ano de 1966 e que é considerado até hoje um dos principais textos de referência e consulta para todos aqueles que desejam estudar a história dos meios de comunicação no Brasil. Com o evidente descaso no que tange a imparcialidades, o historiador marxista tematizou os traços essenciais da imprensa brasileira denunciando o controle midiático exercido pelo empresariado estrangeiro.

Apurado ao longo de três décadas e publicado somente dois anos após a queda de João Goulart, a obra se trata de um vasto espicilégio de quase todos os jornais e revistas divulgados no território brasileiro até então. Para uma compreensão geral da ascensão e consolidação da imprensa industrial de massas no Brasil iremos nos valer do quinto capítulo de sua obra: “A Grande Imprensa”. Em seguida, com base na última parte da obra – “A crise da imprensa” – analisaremos o processo em que a imprensa brasileira na metade do século XX (décadas de 1950 e 1960) deixou de ser considerada imprensa artesanal e seu status de imprensa industrial é plenamente consolidado.

3.2. CAPITALISMO E A PERDA DA AUTONOMIA JORNALÍSTICA

A consolidação efetiva de uma imprensa industrial no Brasil, de acordo com Nelson Werneck Sodré, se d  na metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Com a industrializa o durante o governo JK e com a entrada maciça de capital estrangeiro no país, os jornais se transformaram em grandes empresas capitalistas integradas   lógica industrial tendo como principal fonte de receita uma crescente dependência da publicidade. Os veículos comunicativos subordinaram-se economicamente aos poucos grupos empresariais dominantes e ao capital internacional, comprometendo muito a autonomia editorial e transformando a fun o social do jornalismo.

Quando Sodré aponta a subordina o editorial aos interesses econ micos dominantes, ele descreve precisamente o que Debord identificou: transforma o da informa o em mercadoria espetacular. Com a monopoliza o dos meios de comunica o de massa, a imprensa industrial brasileira passou a ser veículo desse processo, transformando notícias em produtos consumíveis, deteriorando seu valor social e democrático.

“Vendia-se informa o como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informa o para tudo, desde o trabalho até a diversão. Certo, sempre apareciam, e logo desapareciam, jornais que se dispensavam dos grandes compromissos daqueles que haviam atingido o mínimo de estabilidade empresarial” (Sodré, 1966, p. 314).

4. PARALELOS ENTRE SODRÉ E DEBORD

Para Sodré, a imprensa brasileira, desde sua transi o da fase artesanal para a industrial, torna-se uma peça-chave na consolida o do capitalismo nacional e internacional, alinhando-se aos interesses das elites econômicas e transformando-se, gradualmente, em um produto moldado pelas dinâmicas de mercado. Já para Debord, a sociedade do espetáculo descreve como, no capitalismo avançado, todas as rela es sociais passam a ser mediadas por imagens e representa es, priorizando a aparência e o consumo passivo em detrimento da experiência autêntica e do debate crítico. Apesar das diferentes abordagens e contextos de produ o intelectual, os autores convergem em análises que revelam a interse o entre capitalismo, m dia e sociedade. Ambos compartilham não só uma visão crítica da modernidade como também uma convic o de que a transforma o social s    possível através de uma ruptura radical com as estruturas de domina o. Suas convergências oferecem percep es cruciais para a compreensão da espetaculariza o da média e seu papel na reprodu o do poder capitalista.

Em *A Sociedade do Espetáculo*, Debord destaca como a aliena o ocorre por meio da media o das rela es humanas por imagens e representa es, criando uma realidade falseada que substitui a experiência autêntica. O espetáculo, como ele define,   a forma pela qual o capitalismo avançado domina a vida social, transformando todas as intera es em mercadorias e reduzindo os indivíduos a meros consumidores passivos de imagens e símbolos. Nelson Werneck Sodré, por sua vez, ao analisar a consolida o da imprensa industrial, destaca como a média se tornou um instrumento de controle e manipula o das massas, servindo aos interesses das elites econômicas. A imprensa industrial, segundo Sodré, não apenas reflete as estruturas de poder dominantes, mas também as reforça, produzindo conteúdos que alienam os leitores ao apresentar uma visão de mundo distorcida e alinhada com os interesses do capital. A conexão entre as ideias de Debord e Sodré quanto   aliena o reside na compreensão de que esta não   apenas um fen meno econ mico, mas também cultural e comunicacional. Enquanto Debord foca na totalidade da sociedade do espetáculo, Sodré destaca o papel específico da imprensa industrial como um agente de aliena o, que contribui para controlar o fluxo de informa es e moldar a percep o da realidade.

No que se refere ao poder difuso e concentrado, no caso da imprensa industrial brasileira, analisada por Nelson Werneck Sodré,   possível observar como o espetáculo articula tanto o poder concentrado quanto o difuso. A transi o da imprensa artesanal para a industrial, consolidada na segunda metade do século XX, marcou o momento em que os veículos de comunica o deixaram de ser instrumentos de debate público para se tornarem mercadorias subordinadas aos interesses econ micos dominantes. Sob a perspectiva de Sodré, a autonomia editorial dos jornais foi comprometida por conglomerados empresariais e pelo capital estrangeiro, que atuam como expressões de poder

concentrado. Paralelamente, a espetacularização da notícia e a subordinação aos anunciantes refletem a ação do poder difuso, que molda as narrativas conforme os interesses do mercado.

A combinação entre os poderes concentrado e difuso na sociedade do espetáculo resulta em um sistema eficiente de controle social, onde a percepção do real é continuamente mediada por representações destinadas a reforçar a alienação e a passividade. Ao relacionar os conceitos de Debord e Sodré,   possível entender como a imprensa e a m dia desempenham um papel central na consolida o desse sistema, ocultando as contradi es do capitalismo e perpetuando as desigualdades sociais.

4.1. O REFORÇO AOS INTERESSES DAS ELITES ECONÔMICAS

Consolidada a imprensa industrial brasileira nas grandes capitais, o jornalismo passou a ser dirigido por uma complexa engrenagem de mecanismos que sistematicamente reforçam os interesses das elites econômicas. Este fen meno manifesta-se primeiramente no processo de sele o e enquadramento das pautas. A finalidade principal   dar destaque às pautas que convém receber visibilidade. Para isso, ou as notícias receberiam tratamento periférico, sendo relegadas a espaços secundários e publicadas de forma breve e descontextualizada, diminuindo sua relevância diante do público, ou receberiam destaque central, ocupando manchetes e obtendo ampla cobertura para consolidar narrativas que favorecem os interesses dominantes. "O que   bom aparece, o que aparece   bom" (Debord). Esse ciclo retroalimenta o domínio das elites econômicas sobre a opinião pública, transformando a média em um mecanismo de reprodu o ideológica que limita o pluralismo e consolida a passividade das massas.

5. CONSIDERA ES FINAIS

Ao explorar as convergências entre as análises de Nelson Werneck Sodré e Guy Debord, este artigo buscou destacar como a transforma o da imprensa brasileira em um produto capitalista reflete e reforça a lógica da sociedade do espetáculo. Enquanto Sodré aponta o domínio das grandes corpora es e sua influência sobre a autonomia editorial no Brasil, Debord fornece uma lente teórica mais ampla, evidenciando como o capitalismo avançado converte a experiência vivida em espetáculos consumíveis, moldando a percep o da realidade por meio da aparência e do consumo passivo.

A espetaculariza o da informa o, segundo Sodré, comprometeu a capacidade do jornalismo de cumprir seu papel de mediador crítico entre o público e os acontecimentos. A crescente dependência da publicidade transformou os cr terios editoriais, priorizando temas que atra sem mais leitores e anunciantes, em detrimento de assuntos de interesse público que pudessem questionar as estruturas de poder. Isso reflete o conceito de "poder difuso" descrito por Debord, no qual a domina o se distribui de maneira fragmentada através de diversos canais e narrativas, criando a ilusão de diversidade e liberdade de escolha, enquanto perpetua a lógica do capital.

Sodré observa que, com a industrializa o, o jornalismo se afastou de suas raízes artesanais e politicamente engajadas, características do século XIX, quando jornais eram frequentemente sustentados por pequenos grupos de intelectuais e políticos com o objetivo de promover debates públicos e conscientiza o social. Essa transi o, conforme Sodré descreve, deu lugar a um modelo de produ o jornalística subordinado às demandas de lucro e competitividade. O que Debord denomina "sociedade do espetáculo" encontra aqui sua expressão concreta, na medida em que a imprensa deixa de ser um espaço de pluralidade de vozes para se tornar uma mercadoria que reflete exclusivamente os interesses de seus proprietários e anunciantes.

Um exemplo paradigmático dessa lógica espetacular na imprensa brasileira pode ser encontrado na maneira como certos eventos políticos são cobertos. Reportagens e manchetes muitas vezes d o destaque a aspectos superficiais ou sensacionalistas, como escândalos pessoais ou imagens impactantes, enquanto questões estruturais e análises críticas são relegadas a segundo plano ou completamente ignoradas.

Com os paralelos entre as ideias de Sodré e Debord, este artigo contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de controle e influência midiática no Brasil. Essa análise reforça a urgência de

refletir sobre os efeitos da concentração econômica e tecnológica nos meios de comunicação, especialmente no impacto sobre o debate público e os valores democráticos.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Transl. em português do Brasil: Railton Sousa Guedes e Coletivo Periferia, Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad [edição original de 1966]. 1999.

Karl Marx e Friedrich Engels. *A ideologia alemã* ; [introdução de Jacob Gorender] ; trad. Luis Claudio de Castro e Costa. Sao Paulo: Martins Fontes, 1998.